

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

LITERATURA INFANTIL / LETRAMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR

Marise D'arc Barbosa Rezende Costa

ORIENTADORA: Fernanda do Carmo Gonçalves

BRASÍLIA/2011

Marise D'arc Barbosa Rezende Costa

**LITERATURA INFANTIL / LETRAMENTO E INCLUSÃO
ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientador (a): Fernanda do Carmo Gonçalves

BRASÍLIA/2011

Marise D'arc Barbosa Rezende Costa

**LITERATURA INFANTIL / LETRAMENTO E INCLUSÃO
ESCOLAR**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em ___/___/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Fernanda do Carmo Gonçalves (Orientador)

Ana Claudia Rodrigues Fernandes (Examinador)

Marise D'arc Barbosa Rezende Costa (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a todas as pessoas que me apoiaram e incentivaram para a realização deste trabalho. Aos meus familiares, meu esposo Reginaldo, minhas filhas Polyana, Isabella, Ana Vitória e ao meu filho Henrik e, principalmente, a Deus que guia e ilumina os meus passos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de tudo, por aqueles momentos que senti vontade de desistir, mas persisti e segui em frente. Agradeço também a minha orientadora Fernanda do Carmo Gonçalves por sempre se mostrar disposta a me atender prontamente. Agradeço a preciosa colaboração da professora Kátia Costa, da monitora Márcia Alkmin e de seus alunos. A Veraluci Oliveira de Souza, muito obrigada.

RESUMO

O interesse pelo estudo sobre LITERATURA INFANTIL /LETRAMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR procedeu de observações de minha prática pedagógica em uma sala de leitura “NOSSA BIBLIOTECA”, em um Jardim de Infância de uma Escola Inclusiva situada no Gama. A proposta deste trabalho teve sua abordagem na Inclusão Escolar e buscou-se, então investigar as contribuições da sala de leitura “NOSSA BIBLIOTECA”, como espaço de inclusão no contexto escolar do jardim de infância, através de observação participativa por se caracterizar como método de pesquisa que insere o pesquisador no campo investigado, e de análise documental dos materiais existentes na biblioteca. Em especial, foi observada a experiência de uma criança com síndrome de down dentro da biblioteca (sua relação com a professora, com pares e com os recursos disponíveis no local). O presente trabalho teve como objetivos: verificar se o acervo bibliográfico é adaptado às necessidades dos Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEES); analisar se os materiais da “NOSSA BIBLIOTECA” contribuem para a promoção e inclusão escolar de crianças entre 4 e 5 anos de idade com necessidades especiais; investigar se a Literatura Infantil vem sendo utilizada pela ação docente como facilitadora do processo de inclusão e letramento dos alunos com necessidades Educacionais Especiais; e analisar a qualidade da interação entre a criança com necessidades especiais com seu professor e seus pares durante as atividades da literatura infantil. Os tópicos trabalhados revelaram, em seu desdobramento, o valor que a literatura infantil/letramento possui na formação dos Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEES). Após análise do acervo da biblioteca, constatou-se que ela possui livros que permitem sua relação à Inclusão Escolar. A pesquisa demonstrou que a literatura infantil/letramento pode ser um instrumento para a Inclusão.

Palavras-chave: Literatura Infantil/Letramento, Inclusão, Biblioteca.

SUMÁRIO

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1 – Visão Histórica e Social da Inclusão Escolar	12
1.2 - O Direito à Educação Infantil	14
1.3 - Emancipação cultural- Literatura Infantil /Letramento.....	15
1.4 – Letramento	17
1.5 - A relação da criança com o livro e a Biblioteca	19
II - OBJETIVOS	22
III - METODOLOGIA	23
3.2 - Contexto da Pesquisa	25
3.2.1 - “Nossa Biblioteca”	26
3.2.2 – Recursos	27
3.2.3 - A classificação	28
3.2.4 - Atividades para crianças portadoras de necessidades especiais.....	29
3.3 - Participantes.....	30
3.4 - Materiais	31
3.5 - Instrumentos.....	31
3.6 - Procedimentos de construção de dados.....	31
3.7 - Procedimentos de Análise de Dados	33
IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1 Análise do acervo da Biblioteca.....	34
4.2 Vivência do “G” na biblioteca	35
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
Apêndice.....	47
VII - Anexo.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Opções de portadores de texto

28

APRESENTAÇÃO

Ao definir o tema de estudo desta monografia, havia uma preocupação fundamental em escolher algo que fosse essencialmente intrínseco ao momento profissional que estou vivendo e desenvolvendo atualmente em meu trabalho: o projeto “Nossa Biblioteca” num Jardim de Infância de Educação Inclusiva. Algo que me induzisse e que, ao mesmo tempo, oferecesse ensejo de se entender melhor e conhecer mais profundamente a Inclusão Escolar. E dentre estas possibilidades, sobressaiu-se a relação entre a LITERATURA INFANTIL / LETRAMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR.

O curso oferecido pela Instituição UAB/UNB (UnB) Universidade de Brasília - Programa Universidade Aberta do Brasil (UAB), juntamente com os textos dos autores escolhidos no referencial teórico, as obras literárias, minhas experiências com alunos e professores no ambiente escolar e as pesquisas na internet foram os recursos utilizados para a fundamentação do tema proposto. A necessidade de escrever me fez, aos poucos, superar o bloqueio de colocar no papel, ou melhor, no computador, os meus pensamentos - enquanto dimensão do pensar. Isto porque, como exposto por Descartes, pela palavra pensamento entende-se se *“tudo aquilo que se faz em nós de tal modo que nos apercebemos imediatamente por nós próprios.”*¹ Pensar é falar em voz baixa. É falar para si mesmo. E o pensamento precede as ações. Logo, pensar também é agir e agir aqui é escrever. O verdadeiro escritor nunca fica inteiramente satisfeito com o que escreve, porque sempre acha que havia algo que poderia lapidar ou excluir algumas palavras, adicionar outras. E ainda se sente frustrado porque, durante a lapidação, o que existe de mais humano pode ser "colocado nas entrelinhas".

Sabe-se que a leitura é o caminho para a aquisição do conhecimento, que se dá através da interpretação concebida nas entrelinhas. Ler é muito mais do que decodificar. E é com clareza que sinto, nesse momento, o confronto do meu pensar e a carga preocupante de transformá-lo em palavras escritas, pois pretendo fazer-me compreender por quem há de ler esta pesquisa de conclusão de curso. Alivia-me um pouco o fato de o que já é sabido por muitos, que o muito do pensar acumular-se nas entrelinhas Para tanto recorro a Vygotsky:

A relação entre pensamento e palavra não é uma coisa, mas um processo, um movimento contínuo, um vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa. Nesse processo, a relação entre o pensamento e a palavra passa por transformações que, em si mesmas, podem ser consideradas um desenvolvimento no sentido funcional. O

¹ Dito em *Princípios da filosofia*, I, 9 e citado por Lalande, p. 802, de seu *Dicionário Técnico e Crítico de Filo*s

pensamento não é simplesmente expresso em palavras: mas é por meio delas. (Vygotsky, 1993,p. 108).

Um dos momentos mais importantes e significativos no desenvolvimento de uma criança é quando se torna capaz de ler, não só os signos, mas também imagens e pessoas. Nesse momento, a criança começa a entender o meio em que vive e as diferenças existentes entre elas. Segundo Paulo Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente. Portanto, a decifração da palavra flui naturalmente da leitura do mundo.

Um assunto vasto com múltiplas possibilidades de entrada na Inclusão Escolar, a literatura infantil possibilita o livre acesso ao mundo letrado e diversificado no qual todos estamos inseridos. Esse trabalho permite-me, ainda, realizar reflexões, interações, indagações e ressignificações, acerca da minha prática pedagógica, e entender o que realmente é uma Biblioteca voltada à Inclusão, na certeza de poder colaborar na adequação da “Nossa Biblioteca” para que se torne realmente um espaço nobre de Inclusão do Jardim de Infância.

Para tanto faço um questionamento: Qual a contribuição da “NOSSA BIBLIOTECA” no processo de inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais?

Necessário se faz o despertar do interesse da criança. Ela precisa ser contagiada na convivência com pessoas que gostam de ler e demonstram isso,. Como? Lendo para ela e passando esse interesse, essa paixão pela leitura. Ou podendo descobri-la por si mesma, muitas vezes por acaso. Ao vivenciar, experimentar o papel do personagem, refletindo sobre as narrativas, a criança passa a ver que a vida é rica de significados. Isso pode representar, para ela ,um depósito de esperanças, estimulando-lhe o desejo de descobrir coisas novas, que a incite a desenvolver habilidades e descobrir o poder de suas próprias potencialidades. Sabemos que uma história deve despertar a curiosidade para prender a atenção do leitor. Mais que isso: deve estimular a imaginação e trabalhar as emoções para enriquecer a vida.

O aumento do número de crianças portadoras de necessidades especiais na educação infantil faz parte do movimento mundial pela inclusão. Mas se a política de inclusão educacional traz benefícios para todos, também lança novos desafios para instituições, professores e sociedade. Este trabalho será embasado na abordagem qualitativa, que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1993). A investigação

aborda duas etapas: a análise documental dos materiais e recursos disponíveis na biblioteca para a inclusão educacional das turmas de 1º e 2º períodos da educação infantil no Jardim de Infância.

Pensando nas turmas da Educação Infantil do Jardim de Infância em um sentido mais amplo, não apenas se limitando ao ensino, mas também voltada à formação de hábitos e atitudes do aluno, mais uma vez pode-se reforçar a importância da “Nossa Biblioteca” na Educação Inclusiva, que busca diminuir os preconceitos e a inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais na comunidade escolar onde estão inseridas. Este estudo propõe-se a discutir a situação da “Nossa Biblioteca”, neste caso, especificamente do auxílio da Literatura Infantil/letramento aos processos de ensino-aprendizagem e na inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais.

A presente pesquisa está organizada em seis capítulos. No Capítulo I: Revisão de Literatura: apresenta os pressupostos teóricos que serviram de suporte para a observação que sustentou esta pesquisa: a teoria sociocultural, os pressupostos vygotskyanos e freirianos, um breve contexto da teoria sociocultural vygotskyanos e outros autores que convergem para a referida teoria. No capítulo II: são expressos os objetivos, geral e específico, da pesquisa, relacionados ao entendimento de como a biblioteca atua e pode atuar no processo de inclusão dos ANEEs. No Capítulo III: Metodologia – apresentamos a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, incluindo a caracterização da escola pesquisada. Aponta-se o percurso da pesquisa, descrevendo os passos metodológicos que orientaram o caminho, o cenário, os sujeitos envolvidos e os instrumentos utilizados. No Capítulo IV: Resultados apresentam-se os dados construídos acerca da prática da literatura infantil na educação infantil da escola na qual se desenvolveu este trabalho, No Capítulo V: Discussão: análise dos resultados - apresentamos a concepção da importância da Biblioteca na Educação Inclusiva, algumas considerações a respeito do funcionamento da referida biblioteca pesquisada. Após o Capítulo V, trazemos as Considerações Finais que, acreditamos não finalizam esta pesquisa, mas sim, contribuem para suscitar discussões e reflexões acerca das atividades propostas com base nos estudos freirianos e vygotskyanos.

Embora, caro (a) leitor (a), ainda não tenha respostas para muitas dessas questões, apesar de não possuir fórmulas mágicas frente às minhas instigações, buscarei as resposta em interações teóricas, nas observações e na minha vivência dentro da biblioteca. Tenho a satisfação e o desejo de apresentar o presente trabalho que constituí fundamentado em minha

práxis pedagógica. Os capítulos que se seguem são, dessa forma, um convite a sentar-se no chão, ficando mais perto de ser criança.

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 – Visão Histórica e Social da Inclusão Escolar

Uma das dimensões do processo de inclusão social é a inclusão escolar: conjunto de políticas públicas e particulares de levar a escolarização a todos os segmentos humanos da sociedade, com ênfase na infância e juventude. O primeiro documento relevante data do ano de 1948, em que na Declaração dos Direitos Humanos diz que “Todo ser humano tem direito a Educação”.

Nos anos de 1960 aparece, pela primeira vez, na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), Lei nº 4024, de 1961, que a educação dos excepcionais deve enquadrar-se no sistema geral de educação.

Em 1994, é assinada a Declaração de Salamanca. Delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, reafirmando compromisso para com a Educação para todos em que visa informar sobre princípios, políticas e práticas em Educação Especial. Constitui-se em documento importantíssimo de garantia dos direitos educacionais, sem discriminação.

O Parecer 17/2001 instituiu as Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica (2001) e ao conceituar a Escola Inclusiva afirma que: “implica em uma nova postura da escola comum, que propõe no projeto político pedagógico – no currículo, na metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores – ações que favoreçam a integração social e sua opção por práticas heterogêneas.”.

Para Romeu Sassaki “inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas gerais pessoas com necessidades especiais; simultaneamente estas se preparam para assumir seu papel na sociedade. Os praticantes da inclusão se baseiam no modelo social da deficiência. A sociedade é que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros.” (SASSAKI, 2002, p. 41).

Podem-se destacar e considerar atuais os estudos de Vygotsky, pois já mencionava a educação como sendo um direito de todos. Segundo ele, a educação escolar deveria levar em conta a organização sociopsicológica peculiar dos casos de deficiência. Embora as leis gerais do desenvolvimento sejam as mesmas para todas as crianças, seria preciso manter metas

educacionais elevadas, promovendo a construção de capacidades, sem se atrelar ao nível de desenvolvimento já alcançado pelo aluno, oferecendo condições que atendam às singularidades ligadas ao tipo de deficiência. O mesmo autor discutiu a respeito do conceito de compensação social das pessoas com deficiência. Para ele, uma fraqueza pode gerar uma força e esta resulta de causas sociais. O deficiente se sente inferiorizado pela posição social em que é estabelecido e tenta superar as dificuldades impostas pela sua deficiência.

Paulo Freire também aborda a questão da inclusão social, ou seja, o processo de tornar participantes do ambiente social total (a sociedade humana vista como um todo, incluindo todos os aspectos e dimensões da vida – o econômico, o cultural, o político, o religioso e todos os demais, além do ambiental), todos aqueles que se encontram, por razões de qualquer ordem, excluídos. Paulo Freire, já em 1959, enxergava uma educação defasada, que colocava em risco toda uma sociedade em formação e sem formação, e que estava sendo direcionada às manifestações mais mecânicas na ocasião. Sendo, então, desta forma a educação um problema político por depender de reformas no sistema. Ao mesmo tempo em que encontrávamos uma educação marcada, rumando para a falta de estruturas educacionais, deixando seu povo a mercê da educação, Freire conduzia seus estudos a favor de uma aprendizagem enraizada. Deste modo, organizava o ensino em projetos que poderiam ser realmente executados e que evoluíssem de forma definida.

A educação inclusiva tem como foco principal o contexto educacional: garantir melhores condições de ensino e aprendizagem para que todas as pessoas participem e possam se beneficiar de uma educação de qualidade. A inclusão se refere à aprendizagem e a participação de todos os estudantes vulneráveis, que se encontram sujeitos à exclusão, não somente aqueles com deficiência ou rotulados como apresentando Necessidades Educacionais Especiais (UNESCO, 2000).

Para Mantoan, (2006), a inclusão escolar está articulada a movimentos sociais mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Ligada às sociedades democráticas pautadas no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial regular.

Para Mantoan (2006), dois grandes desafios de imediato estão colocados para os sistemas de ensino e para a sociedade brasileira: fazer que os direitos ultrapassem o plano do

meramente instituído legalmente e construir respostas educacionais que atendam as necessidades dos alunos.

Sendo assim, pensar sobre educação inclusiva requer muito mais que assegurar matrícula aos alunos com necessidades educacionais especiais, mas, sim, em vislumbrar uma escola que repense as práticas pedagógicas existentes e efetivadas no cotidiano do existir educativo, centrada no respeito e valorização das diferenças. Uma visão voltada ao respeito à diferença, ao conhecimento, e ao preparo para se lidar com as potencialidades e limitações de cada pessoa. Portanto, falar sobre inclusão é falar do interesse em promover educação para todos, por meio de políticas públicas, visando uma melhor infraestrutura e capacitação profissional que possibilite qualidade de vida social e cultural do cidadão.

1.2 - O Direito à Educação Infantil

A educação infantil é duplamente protegida pela Constituição Federal de 1988 (CF/88): tanto é direito subjetivo das crianças com idade entre zero e 5 (cinco) anos (art.208, IV), como é direito dos(as) trabalhadores(as) urbanos(as) e rurais em relação a seus filhos e dependentes (art.7º, XXV) . Ou seja, a educação infantil é um exemplo vivo da indivisibilidade e interdependência que caracterizam os direitos humanos, pois reúne em um mesmo conceito, vários direitos: ao desenvolvimento, à educação e ao trabalho.

Além da Constituição, o direito à educação infantil vem assegurado em outras leis: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069/1990) e o Plano Nacional de Educação - PNE (Lei nº 10.172/2001).

A Educação Infantil, no Brasil, registrou muitos avanços nos últimos vinte anos. A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 a definiram como primeira etapa da educação básica, antecedendo o ensino fundamental, de caráter obrigatório, e o ensino médio. Essa ampliação do direito à educação a todas as crianças pequenas representa uma conquista importante para a sociedade brasileira. A Educação Infantil “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (art. 29 da LDB). A Política Nacional de Educação Infantil parte

dessa finalidade para estabelecer como uma de suas diretrizes a dissociabilidade entre o cuidado e a educação no atendimento às crianças da Educação Infantil (BRASIL, 2005a).

Não obstante a sua relevância na vida da criança, a Educação Infantil foi, por muito tempo, uma modalidade de ensino deixada em segundo plano. Ao longo dos séculos, o cuidado e a educação das crianças pequenas foram entendidos como tarefas de responsabilidade unicamente da família, particularmente da mãe e de outras mulheres. Além disso, a criança não possuía identidade própria, era vista apenas como um pequeno adulto e, por isso, se vestia, trabalhava e deveria se comportar como tal.

Ressalta-se, contudo, que as crianças possuem especificidades que as caracterizam como sujeitos que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio. Nas interações que estabelecem com as pessoas e com o meio revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem. Nesta perspectiva, a criança é vista como um ser humano em processo de humanização, ou seja, um ser histórico social construtor do seu desenvolvimento e do seu conhecimento.

Ao ingressar numa instituição de Educação Infantil, seu círculo social se expande, havendo, dessa maneira, a possibilidade de conviver com outras realidades, culturas e histórias e de, portanto, se inserir em um universo de semelhanças e diferenças, o que oportuniza a ampliação do seu conhecimento. Nessa nova esfera em que a criança se insere - no caso, na instituição de Educação Infantil - a sua curiosidade aflora, impulsionada por diversos fatores do seu cotidiano. O novo ambiente no qual está inserida, várias descobertas acontecem, e o novo é desvendado com o auxílio daqueles que fazem parte desse contexto (professores e alunos).

1.3 - Emancipação cultural- Literatura Infantil /Letramento

A literatura infantil pode ser o cerne da construção de uma educação inclusiva, pois operando a partir de sugestões fornecidas pela fantasia e imaginação, socializa formas que permitem a compreensão dos problemas e demonstra-se como ponto de partida para o conhecimento real e a adoção de uma atitude que valorize as diferenças e as particularidades (ZARDO; FREITAS, 2004, p.2).

Para que se entenda a literatura infantil é preciso que se entenda a literatura sem adjetivo. Isso porque, a diferença entre uma e outra está no público leitor. Para começar é preciso que se compreenda “O que é Literatura”. Até hoje, não se encontrou uma definição

para o que é literatura. Sabe-se que esta é uma forma de questionamento, busca a análise, a reflexão a cerca de diversos assuntos internos e externos em relação ao indivíduo.

Segundo Souza (1995:8), citado por: Daniela Corte Leal (2006) em um artigo: “(...) a literatura é um produto cultural que surge com a própria civilização ocidental, pelo fato de que textos literários figuram entre os indícios mais remotos da existência histórica dessa civilização”.

Segundo Proença Filho (2000): “A literatura é uma forma de linguagem que tem uma língua como suporte”.

"Literatura Infantil são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança." (Leo Cunha).

Na escola, a tendência predominante da literatura infantil é vista em prol de um fazer pedagógico. O caráter lúdico, divertido da literatura muitas vezes é deixado de lado em favor de um fazer pedagógico que tem como objetivo uma dimensão moralizadora sobre a criatividade e a imaginação da criança.

A segunda corrente apresenta a literatura infantil como oriunda das manifestações da tradição oral, favorecendo a aproximação com o conhecimento popular. O que ocorre é que, no Brasil, não existe unanimidade em relação a esses termos. Não existe uma definição por parte das editoras, dos autores e tampouco da academia quanto à nomenclatura e o que um dos termos representa.

Zilberman (2003) enfatiza que a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornam os espaços para reflexão da criança sobre sua condição pessoal. Ambas compartilham sua natureza formativa, voltada à cultura, ao conhecimento do mundo e do ser. A autora (2004) lembra que o professor deve ser comprometido com a emancipação do aluno, visto que muitos se deixam levar pelo sistema, com o processo de dominação dos aparelhos vinculados ao poder, o que abstém a criança da oportunidade de conhecer as histórias do ponto de vista construtivo e cultural.

Literatura infantil, Abramovich (2008), proporciona o primeiro contato da criança com o universo cultural, por meio de diferentes textos. Mesmo quando as crianças ainda não sabem ler, as histórias lhes são contadas oralmente, o que permite que se aproximem desse universo. Acreditamos que a literatura infantil, como manifestação artístico-cultural, também é imprescindível para a formação da criança, pois estimula o desenvolvimento de diálogos com os personagens e as situações da história, o que também causa impactos sobre seu modo de compreensão do mundo.

Conforme Paulo Freire (2006, p. 11), “[...] o ato de ler não se esgota da decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” As histórias infantis devem estar presentes na rotina escolar, serem sistematizadas sempre, o que não significa trabalhar em cima de um esquema rígido e apenas repetitivo.

Os efeitos decorrentes da literatura aplicada ao mundo infantil são estímulos ao desenvolvimento das sensações básicas – visão, gustação, olfação, tato e audição, e das emoções básicas – amor, alegria, raiva, medo e tristeza, a partir das quais se processa o desenvolvimento da imaginação e da razão. A literatura possibilita viver sentimentos como raiva, indignação, medo na posição segura do leitor, além de promover aprendizagem e conhecimento. Educa as emoções, faz com que os indivíduos tornem-se mais tolerantes, compreendam os diferentes momentos, os diferentes pensamentos nas diferentes épocas, as diferentes situações.

Abramovich, (1997), afirma que, quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

A literatura infantil pode ser um elemento facilitador na promoção da inclusão: há um despertar que promove a identificação com os problemas físicos, sociais e emocionais dos personagens. Sensibilizado e envolvido pelo contexto da história, o leitor é instigado a atuar mais solidariamente, pois há uma quebra natural de preconceitos. A narrativa pode provocar sentimentos e reflexões que não ocorreriam espontaneamente. Atualmente a literatura infantil possui uma dimensão muito mais ampla e importante, proporcionando à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis.

1.4 – Letramento

Do ponto de vista de Soares (2001), há duas dimensões de letramento: individual e social. Ambas estão interligadas: uma precisa da outra para acontecer; não basta o indivíduo contar com as habilidades de ler e escrever se não o faz socialmente. Em contrapartida, apenas relacionar-se com a escrita sem dominar o código também não garante, nesta perspectiva, que o indivíduo seja de fato letrado. Nesse sentido, dominar o sistema de escrita e realizar a leitura

de mundo é fundamental para o sucesso do ser social e individual. Como afirma Soares (2001, p. 18): “(...) letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. De acordo com SOARES, 1998, Letramento vem da palavra literacy (origem inglesa), que é a condição de ser letrado, educado, que tem a habilidade de ler e escrever, mas que também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita. A palavra letramento é definida como o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita e o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas praticas sociais.

Alfabetização: apropriação do sistema de escrita, ou seja, a conquista dos princípios alfabético-ortográficos indispensáveis ao domínio da leitura e da escrita. Letramento: práticas ou usos sociais da leitura e da escrita em diferentes contextos. Partimos do princípio, como postula Soares (2003), que os processos de alfabetização e de letramento são distintos, mas interdependentes e indissociáveis. Conforme o exposto acima, podemos ter uma noção de como se inicia o processo de letramento. Magda Soares, (2003), esclarece: um adulto pode até ser analfabeto, contudo, pode ser letrado, ou seja, ele não aprendeu a ler e escrever, todavia, utiliza a escrita para escrever uma carta através de outro indivíduo alfabetizado, um escriba, por exemplo, mas é necessário enfatizar que é o próprio analfabeto que dita o seu texto, portanto, ele conhece os recursos necessários da língua para se comunicar, mesmo que ele não tenha a habilidade da escrita. Este indivíduo é analfabeto, não possui o método da decodificação dos signos, mas possui certo grau de letramento devido a sua experiência de vida em uma sociedade que é permeada pela escrita, logo, este é letrado, porém não com plenitude. Por isso, o letramento é um processo que se inicia antes mesmo do indivíduo aprender a ler, supondo sua convivência com o universo da escrita.

O letramento abrange mais que simplesmente ler e escrever. O indivíduo letrado, inserido em práticas sociais de leitura e escrita, deve ser capaz de usar esse conhecimento em benefício da sociedade e de si próprio. Paulo Freire, na construção de um método de alfabetização, sempre considerou eventos de letramento como fator importante para o aprendizado do alfabetizando, uma vez que ponderou sua história de vida, suas experiências, algo que evidencia a necessidade do autor em valorizar o conhecimento de todos os envolvidos, acreditando ser o ponto de partida para a alfabetização emancipatória. Isso fica mais evidente quando declara que “a leitura de mundo precede mesmo a leitura da palavra. Os

alfabetizando precisam compreender o mundo, o que implica falar a respeito do mundo”. (Freire, 1990, p. 32). Para o autor, a alfabetização, além de garantir o ensino da leitura e da escrita, deve explicar e discutir outros eventos sociais e culturais, diversas linguagens: a música, poesia, tendências, acontecimentos, movimentos e tudo que envolve o interesse geral e particular de uma sociedade ou nação. O modelo ideal de alfabetização, para Freire, deveria ser capaz de emancipar social e culturalmente todo indivíduo, permitindo compreender sua importância, discutindo suas experiências e relacionando-se conscientemente com o mundo.

A função social da literatura é facilitar o letramento. Nesse sentido, pode-se dizer que o movimento da literatura infantil contemporânea, ao oferecer uma nova concepção de texto escrito aberto a múltiplas leituras, transforma a literatura para crianças em suporte para experimentação do mundo.

1.5 - A relação da criança com o livro e a Biblioteca

“A infância e o livro se juntam para, em liberdade, sonhar com um mundo iluminado com a luz própria advinda da sua mesma humanidade” (Bartolomeu Campos de Queirós 2000).

Surgiram, no século XVIII, os primeiros livros direcionados ao público infantil, tendo como precursor Charles Perrault, enfocando, principalmente, os contos de fadas. A literatura infantil, então, passou a ocupar um espaço de relevância, desencadeando o surgimento de muitos autores, entre eles: Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm, no Brasil, Monteiro Lobato, imortalizados pela grandiosidade de suas obras.

A princípio, a criança usa o livro como um brinquedo de onde retira motivação para interagir com os personagens e outras crianças e adultos, satisfazendo a necessidade de fantasiar. Quando lê figuras estáticas e em movimento ou palavras, a criança brinca e se desenvolve, construindo autonomia da qual necessita para a formação de sua identidade com a necessária autoestima. O livro apresenta-se, a priori, como algo mágico e encantador, com o qual a criança se envolve ao decifrar figuras e os desenhos das palavras, em seus mistérios. Vygotsky explica que a memória e a fantasia ou imaginação são funções psicológicas complexas e dialeticamente inter-relacionadas: "A fantasia não está contraposta à memória, mas se apoia nela e dispõe de seus dados em novas e novas combinações" (1982). Portanto, do mesmo modo que a imaginação apoia-se na experiência, a experiência pode ser construída exclusivamente a partir da mobilização do imaginário do sujeito.

De acordo com Perrotti em um artigo (2005), a criança escuta as histórias lidas por adultos, depois conhece o livro como objeto tátil, no qual toca, vê, e tenta compreender as imagens que enxergam. Compreende-se, portanto, que mesmo sem saber ler as palavras e escrevê-las, já produz textos quando fala, pensa e se expressa. Cabe ao professor pesquisar e aplicar metodologias apropriadas à interação da criança com o livro e com a literatura infantil. Assim, gradativamente, a criança vai se tornar um leitor ativo e autônomo, capaz de escolher o quê, quando e onde quer ler.

Sobre o ser ativo, Paulo Freire (1996) nos lembra que o processo educativo ocorre consubstanciado pela história da sociedade e pela história individual da pessoa. Para ele, a autonomia deve ser um pressuposto do processo educativo e, portanto, o sujeito deve ser um participante ativo do processo educativo.

A biblioteca se constitui num espaço, por excelência, de formação do leitor. Por isso, cada escola deverá ter um espaço de leitura, onde os livros possam estar de forma organizada, ao alcance das crianças – um espaço convidativo e confortável, um lugar de interação onde o adulto apoia e compartilha, ajuda o aluno a encontrar-se no caminho da leitura. E para que isso se concretize, o professor deve ser antes de tudo, um leitor, pois sua formação interfere de forma determinante sobre a função que exerce. É importante frisar, que o acesso aos livros deve ser orientado para serem usados em práticas, tais como rodas de leitura, debates, cantinhos de leitura em bibliotecas.

Abramovich (2004) diz que na biblioteca, o aluno estabelece vínculos com livros de toda a espécie: artes, literatura, gibis, enciclopédias, dicionários, Bíblia, mitos, e outras categorias. Mesmo aqueles que ainda não sabem ler, brincam com as palavras e com as imagens. São vários os títulos que proporcionam encantamento, ludicidade e prazer.

- Os livros instigam a imaginação infantil, transportando as crianças para “mundos imaginários”, em que a fantasia é o elemento fundamental;
- Ler e ouvir histórias distrai e descarrega as tensões; Ouvir é fundamental para a formação das crianças, para a compreensão que têm do mundo e para que se tornem leitores;
- A Literatura contribui para o enriquecimento do vocabulário infantil, acrescentando novos termos ao vocabulário cotidiano das crianças;
- A Literatura oferece momentos de recreação, brincadeiras e divertimento, atendendo ao interesse infantil; Algumas histórias são apavorantes, cheias de bruxas más e provações. Isso faz a criança identificar nos livros os próprios medos, algo que faz parte da vida real;

➤ O livro amplia o leque de ideias e conhecimentos das crianças, fazendo fluir a criatividade, promovendo a formulação de ideias próprias. Também estimula a atenção, a observação, a memória, a reflexão e a linguagem.

“Há livro que concorre para o sujeito reinventar o seu destino.”
(Bartolomeu Campos de Queiros).

II - OBJETIVOS

A proposta deste trabalho vem ao encontro da abordagem da educação inclusiva e busca investigar as contribuições da sala de leitura “NOSSA BIBLIOTECA” como espaço de inclusão em nosso contexto escolar do jardim de infância. Nesse sentido, o estudo tem como objetivos específicos:

1. Verificar se o acervo bibliográfico é adaptado às necessidades dos ANEEs.
2. Analisar se os materiais da “NOSSA BIBLIOTECA” contribuem para a promoção e inclusão escolar de crianças entre 4 e 5 anos de idade com necessidades especiais.
3. Investigar se a Literatura Infantil vem sendo utilizada pela ação docente como facilitadora do processo de inclusão e letramento dos alunos com necessidades Educacionais Especiais.
4. Analisar a qualidade da interação entre a criança com necessidades especiais com seu professor e seus pares durante as atividades da literatura infantil.

Os objetivos da investigação orientam-se por indagações que fomentaram as seguintes questões:

Que adaptações existem de forma a possibilitar o acesso da criança com necessidades especiais à biblioteca e aos materiais ali existentes?

Quais as estratégias interacionais e educacionais o professor utiliza na condução das atividades da Literatura infantil em relação à inclusão dos alunos com necessidades especiais?

Identifica-se a existências de padrões interacionais entre a criança com necessidade especial e seus pares? Nesse sentido, de que forma se caracteriza essas interações?

De que forma a literatura infantil está contribuindo para o processo de inclusão e letramento das crianças com necessidades especiais do jardim de infância?

A sessão a seguir apresenta a metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos.

III - METODOLOGIA

3.1 - Referencial metodológico

O procedimento metodológico para transcrever o meu pensar, consistirá na realização de uma pesquisa Qualitativa, que contará com a abordagem investigativa. Para tanto, foram utilizadas a análise documental e a observação participativa da relação entre o aluno de necessidades especiais com os recursos da biblioteca, com as professoras e seus pares dentro da biblioteca, possibilitando a formulação de hipóteses, análises e constatações realizadas no ambiente escolar na sala de leitura, ou seja, “Nossa Biblioteca”. Neste estudo a análise documental ocorreu na análise dos recursos disponíveis na biblioteca que são potenciais para a inclusão dos alunos com necessidades especiais. A observação é participante, pois a pesquisadora também é funcionária da referida biblioteca onde ocorreu o estudo. Utilizou-se a pesquisa qualitativa e a observação participativa, pois essas consideram que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. por se caracterizarem como métodos de pesquisa que inserem o pesquisador no campo investigado, tornando-se parte do universo da pesquisa de campo. Isto é relevante, quando se considera que toda a produção do conhecimento se dá por processos de mediação entre os homens no interior das relações sociais. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Além disso, também é descritiva, pois os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais dessa abordagem.

A análise documental faz parte da abordagem qualitativa, onde são identificadas as questões, possibilitando a fundamentação da pesquisa. Segundo CHIZZOTTI, (1998), a análise documental é uma “Técnica que procura reproduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural, em que produzem a informação, ou enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, nas formas e no conteúdo de comunicação”.

A pesquisa participante, para GAJARDO (1985), reconhece as implicações políticas e ideológicas subjacentes a qualquer prática social, seja ela de pesquisa ou de finalidades educativas, e propugna pela mobilização de grupos e organizações para a transformação da realidade social ou para o desenvolvimento de ações que redundem em benefício coletivo. A observação participante requer certo tempo e certo envolvimento e uma descrição maior dos fatos e atitudes mais flexíveis de coleta e de entendimento da realidade estudada.

Paulo Freire (GAJARDO, 1985). Buscando investigar a “realidade concreta”, diante de problemas que enfrentamos na prática docente (políticos e ideológicos e não apenas epistemológicos, pedagógicos ou das ciências sociais), FREIRE (1984) propõe um método de pesquisa alternativa em que se aprende a fazer melhor esta pesquisa através da ação. No entender do autor, fazendo pesquisa-ação, o pesquisador educa e está ao mesmo tempo se educando. E voltando à área para colocar em prática os resultados da pesquisa, ele está além de educando e sendo educado, pesquisando outra vez, em um permanente e dinâmico movimento de pesquisar e educar.

Abordar a contribuição da teoria de Paulo Freire na questão da metodologia da pesquisa empírica implica em refletir acerca da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto da pesquisa, superando a noção comum do sujeito-que-pesquisa atuando sobre os sujeitos-que-são-pesquisados, de modo unilateral e vertical. “Ambos são diferentes porque vêm de lugares sociais diversos; possuem saberes distintos e viveram experiências desiguais, porém, isso não significa que o sujeito-que-pesquisa seja melhor ou superior ao sujeito-que-é-pesquisado. Assim como o primeiro ensina e aprende com aquele que está na condição de pesquisado, este último também ensina e aprende com outro, que está na condição de pesquisador”. Nos procedimentos de construção de dados do pesquisador, os sujeitos pesquisados não podem ser reduzidos à condição de meros objetos. Mais do que um processo vertical de obtenção de informação, a relação do sujeito-que-pesquisa com o sujeito-que-é-pesquisado se torna um ato educativo. Afirma Paulo Freire (1983):

(...) a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta superar ou não superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. (...) Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No

sentido aqui descrito pesquisar e educar se identifica em um permanente e dinâmico movimento.

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a construção de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente.

3.2 - Contexto da Pesquisa

O Distrito Federal, criado para ser sede do governo brasileiro, traz em si, hoje, uma grande variedade cultural, oportunizada pelos inúmeros imigrantes dos vários estados brasileiros. Em seu contexto estrutural, apresenta várias Regiões Administrativas, localizadas em torno da capital Brasília.

A Região Administrativa do Gama, onde está localizada a escola foco de interesse desta pesquisa, é uma destas cidades, sendo formada a partir da desapropriação de uma fazenda, na qual se instalaram os primeiros moradores da região.

O Gama é uma cidade com moradores vindos de diversas regiões do Brasil, o que torna seu aspecto cultural bastante heterogêneo. Os alunos sujeitos da pesquisa pertencem a famílias oriundas de outros estados brasileiros, bem como do Distrito Federal, cultivando visões e opiniões diferenciadas sobre fatores em comum.

A presente pesquisa foi realizada em um Jardim de Infância da cidade do Gama onde no ano de 2010, foram matriculadas 07 crianças portadoras de necessidades especiais em turmas de integração inversa: duas portadoras de síndrome de Down, três casos de alunos com deficiência intelectual e dois casos de deficiência física. As crianças, na faixa etária de quatro a cinco anos, mostram-se dinâmicas e com grande reflexo da sociedade em que estão inseridas. Esta escola atende alunos de quatro e cinco anos. Ela apresenta um porte pequeno, mas capaz de atender ao quantitativo de alunos que possui, atualmente, 350 crianças. Para atender a esse número de alunos, a escola dispõe de:

Recursos humanos: 01 diretor; 01 vice-diretor; 01 supervisor pedagógico; 01 supervisor administrativo; 01 chefe de secretaria; 02 apoios administrativos; 01 coordenador;

01 Orientador Educacional; 01 Professor em Sala de Recursos; 15 professoras todas com Ensino Superior; 01 monitora; 01 Professora (readaptada) na Biblioteca; 09 auxiliares de limpeza (02 readaptadas); 03 porteiras; 02 merendeiras; 06 vigias.

Espaço físico: 08 salas de aula; 01 sala de Direção; 01 sala de Professores; 01 Cozinha; 01 brinquedoteca; 01 videoteca; 01 secretaria; 01 cantina; 02 depósitos; 01 sala de Recursos; 01 sala de Orientação Educacional; 01 pátio coberto; 01 estacionamento; 01 Biblioteca (sala de leitura); 01 Parquinho; 01 mecanografia.

Possui equipamentos tecnológicos como: duplicadores, televisores, DVD, CD player, Data Show, sistema de som e palco móvel, que são utilizados pela direção e equipe de professoras.

3.2.1 - “Nossa Biblioteca”

O espaço Sala de Leitura “Nossa Biblioteca”, foco dessa pesquisa, é um espaço lúdico, pois é um lugar de “brincar” com os livros e com uma gama de portadores de textos, (denominação dada a objetos que apresentem algo que possa ser lido ou “qualquer objeto” que leve um texto impresso), é lugar do contar e do ouvir histórias.

O espaço físico da “Nossa Biblioteca” hoje ocupa uma sala de aula, em localização valorizada, no pavilhão central. No ano de 2009, excepcionalmente, em decorrência de um temporal que derrubou uma árvore atingindo o telhado de uma sala de aula, as turmas ocuparam a sala que era destinada a sala de leitura. A mesma foi transferida para a brinquedoteca. Na ocasião, fizemos uma escala com momentos destinados à brinquedoteca, outros às atividades da biblioteca. Em anos anteriores, a sala de leitura era utilizada também como depósito. No momento, a sala de leitura encontra-se ativa com o projeto “Nossa Biblioteca”, articulando suas atividades em consonância com os vários projetos contemplados no PPP-Projeto Político Pedagógico.

A “Nossa Biblioteca”, em 2010, esteve articulada ao projeto “Música e Poesia no Jardim da Fantasia” contemplado no Projeto Político Pedagógico (PPP). Os trabalhos foram realizados de forma lúdica, estimulando o gosto pela leitura, por meio de livros atraentes, histórias envolventes e ricas em ilustrações; poemas, músicas infantis, populares, folclóricas e ritmadas. O projeto oportunizou o uso dos vários portadores de textos, articulados aos componentes curriculares (área de conhecimento), realizando um trabalho com todos os educadores, de modo efetivo a interdisciplinar. A “Nossa Biblioteca”, em datas

comemorativas importantes, é ambientada, deixando-se os livros, sobre o tema, bem acessíveis, expostos.

3.2.2 – Recursos

Quanto aos recursos materiais, dispõe de: uma mesa com computador e uma mesa auxiliar com duas cadeiras, seis mesinhas, vinte e oito cadeirinhas, um armário fixo, globo terrestre, um aparelho de DVD, rádio com tocador de CD, dois arquivos, um tapete em péssimas condições e algumas almofadas, seis estantes classificadas em cores. Possui em seu acervo: livros, jogos pedagógicos, quebra-cabeças, histórias em quadrinhos, entre outros. Na intenção de diversificar e dar o maior número de opções às nossas crianças, “Nossa Biblioteca” contém inúmeros portadores de textos, trazidos pelos educadores e pela professora responsável por este trabalho. Portadores de Texto (é tudo que normalmente "porta", carrega um texto, por exemplo: jornais, revistas, bíblia, gibis etc.) Nesse momento, é importante explicitar que entendemos suporte textual na acepção de Marcuschi (2003) citado: por ROCHA, Gladys (1999). Segundo ele, a questão do suporte tem a ver com a ideia da portabilidade do texto, não no sentido de um veículo ou como um suporte estático, mas sim como um locus no qual o texto se fixa, o que tem repercussão sobre o gênero que suporta. Dessa maneira, a partir das reflexões desse autor, percebemos que o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele, ou seja, os textos sempre se fixam em suportes visando a atingir de diferentes formas a sociedade, ou seja, vinculado a diferentes finalidades. Há uma diversidade de publicações que, desde muito cedo, convidam as crianças a se aventurem por vários tipos de histórias, ilustrações e textos. Desta maneira, quanto maior a intensidade da relação entre os diferentes materiais de leitura e os sujeitos, maiores serão as chances que concorrem para a formação do leitor crítico letrado.

Tabela 01 – Opções de portadores de texto

- Livros de Histórias	- Propagandas	- Jornais	- Listas Telefônicas	- Bilhetes
- Recados	- Textos práticos	- Anúncios	- Cartas	- Folhetos
- Panfletos	- Convites	- Avisos	- Imagens Gráficas	- Letras de músicas
- Bíblia da criança	- Rótulos	- Revistas	- Dicionários	- cartazes
- Lendas	- invólucros	- Desenhos	- Quadrinhos	- Textos Informativos
- Parlendas	- Gibis	- Receita de bolos	- Pinturas	- calendário

3.2.3 - A classificação

A classificação das estantes da “Nossa Biblioteca” está diretamente relacionada com as necessidades e expectativas dos usuários, proporcionando a eles maior rapidez na recuperação da informação. A melhor forma de classificação para uma Biblioteca Infantil é a por cores, por possibilitar uma melhor interação entre o usuário (que ainda não está em fase de alfabetização). “A busca por uma linguagem visual possibilita esta interação entre o usuário e a informação. Neste caso, o sistema de cores é utilizado tanto para marcar os livros como as fichas catalográficas ou os registros do computador. A partir desta distribuição das cores, os materiais são marcados, facilitando, assim, a sua recuperação”.

Em “Nossa Biblioteca”, há uma estante especial: a laranja. Nela constam prateleiras divididas por seções: Seção Braille, livros de literatura infantil transcrito para o Braille, Livros com tradução simultânea para a LIBRAS (DVD material audiovisual); e alguns livros com letras bem grandes para auxiliar crianças com baixa visão e ainda vários livros que fazem referencia a inclusão.

A biblioteca conta apenas com uma professora readaptada em Suporte Técnico Pedagógico. Ela que se coloca como colaboradora junto à comunidade escolar de maneira a contribuir e enriquecer os eventos promovidos durante o ano letivo.

O corpo docente e discente utiliza o espaço sala de leitura “Nossa Biblioteca” no momento que sente necessidade, porém para manter uma organização maior e contemplar todas as turmas seguimos a uma escala semanal de uma hora por turma, o horário de funcionamento da biblioteca segue igual ao da escola sendo que as terças-feiras são reservadas para limpeza. Em muitos momentos “Nossa Biblioteca” disponibiliza seu espaço para as professora da sala de recurso e a orientadora.

3.2.4 - Atividades para crianças portadoras de necessidades especiais

Em a “Nossa Biblioteca”, as crianças recebem as mesmas atenções e têm as mesmas oportunidades de realizar as atividades reservadas aos demais usuários. Suas principais atividades são de caráter cultural, social e recreativo.

Relato agora algumas atividades planejadas e desenvolvidas na “Nossa Biblioteca” focada nos aspectos sociais, culturais e educativos que auxiliam as crianças no processo de aprendizagem e na sua socialização, tornando a Educação Inclusiva uma realidade, quebrando preconceitos e construindo uma sociedade mais igualitária. Entre as atividades desenvolvidas pode-se destacar:

- A hora do conto: é nesse momento que as crianças envolvidas no mundo de fantasias, conhecem a literatura infantil e obtém o gosto pela leitura, pode trabalhar as diferenças, incluindo e trabalhando a cidadania desde cedo.
- Exposição de livros e assuntos existentes na biblioteca, atraindo os leitores, despertando-lhes a curiosidade.
- Seção de arte: inicia a criança na pintura, na escultura, no desenho, ilustrando atividades em sala de aula através da literatura específica para elas.
- Teatro infantil e de fantoches: as dramatizações oferecem excelente estímulo para atrair a criança para o livro e trabalhar a socialização.

Nessa perspectiva, educar tem como objetivo ampliar a imaginação, a fantasia, colaborar com as múltiplas manifestações infantis, admitir suas temporalidades, desejos e sonhos.

Estas atividades desenvolvidas em “Nossa Biblioteca” contribuem para o contato entre os ANEEs e as crianças ditas normais. As atividades, feitas em conjunto, auxiliam na adaptação e socialização da criança, que terão oportunidades de uma melhor aprendizagem, maior cultura, orientação de vida mais adequada, desenvolvimento de habilidades e raciocínio, contribuindo para um senso crítico mais aprimorado.

É importante que haja harmonia entre biblioteca e escola, para que juntas alcancem seus reais objetivos. O uso de bibliotecas deve ser incentivado e começar o mais cedo possível na vida da criança ou do cidadão. Em nosso país, esta harmonia ainda ocorre raramente. Ficamos felizes, pois já temos em nosso espaço escolar a “Nossa Biblioteca”.

3.3 - Participantes

Considerando os objetivos do estudo, foi escolhida e definida, como lócus de pesquisa, uma turma de Integração Inversa da Educação Infantil da escola no ano 2010, do turno vespertino. Compreendendo um total de 16 crianças, uma professora (36 anos, concursada, atua há nove anos nesta escola e possui nível superior e pós-graduação), e uma monitora (37 anos, concursada há dois anos, possui nível superior). O foco das observações foi o aluno “G” portador de síndrome de Down.

A criança “G” foi matriculada em um Jardim de Infância do Gama no ano de 2009, em turma de Primeiro Período, faixa etária de quatro anos e continuou no ano seguinte no Segundo Período. Ela mora com a família: o pai, 40 anos, caixa de uma grande rede de restaurante; a mãe, 38 anos, do lar, disponibiliza seu maior tempo para cuidar de “G” em suas atividades diárias como escola, sala de recursos, fonoaudiólogo e natação. ”G” tem um irmão mais velho, de 16 anos. A criança participou da Educação Precoce no Centro de Ensino Especial do Gama desde os dois meses de idade e apresentou crescimento considerável nesse período. Segundo a equipe que o atendeu no Centro de Ensino Especial (CEE), a criança deixou a Educação Precoce para ser incluso em escola de Rede Regular de Ensino, em turma de Integração Inversa, de acordo com os critérios estabelecidos para essa modalidade.

O aluno “G” participou de todas as atividades da escola, tanto em sala como em atividades extraclasse: momentos de videoteca, parquinho, biblioteca, projetos “Histórias de

Outrora, Histórias de Agora”. Em 2009 e 2010: “Música e Poesia no Jardim da Alegria” e do recreio dirigido.

3.4 - Materiais

Para a realização da pesquisa foram utilizados os seguintes materiais: caneta, caderno, pen drive, folha A4, livros e o computador.

3.5 - Instrumentos

Como a técnica de pesquisa utilizada nesse estudo foi a análise documental e a observação, o instrumento utilizado, neste caso, foi um caderno de campo, onde a autora registrou todas as observações referentes à vivência de “G” dentro da biblioteca, bem como, o registro de dados, advindos da análise de documentos e objetos da biblioteca.

3.6 - Procedimentos de construção de dados

Inicialmente foi feito um contato com a direção da escola para explicar o objetivo da pesquisa. Após autorização da direção, a pesquisadora entrou em contato com a professora, a monitora e a família da criança, foco desse trabalho. Todos autorizaram a utilização das informações obtidas, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). A observação na biblioteca ocorreu entre setembro e outubro de 2010. No caso específico de “G”, ele ia à biblioteca junto de sua turma, uma vez por semana, com duração de uma hora.

No primeiro momento, a professora regente indagou se seria preciso trabalhar com a leitura de livros de literatura infantil específicos. Respondemos que ela deveria seguir normalmente o planejamento que fazia e que apenas nos permitisse participar, observar e relatar os momentos de atividades de leitura/letramento de textos. Esse procedimento foi adotado para que houvesse uma visão da realidade pesquisada. Consideramos que a utilização dessa estratégia foi muito proveitosa. Era possível estarmos em constante diálogo com a professora, que se mostrou sempre receptiva as nossas observações.

A turma foi observada atuando em suas atividades na “Nossa Biblioteca”. O fato de termos observado os participantes oportunizou uma grande variedade de situações interativas. Isto foi importante na medida em que desejávamos relatar as interações e envolvimento dos

mesmos em relação à literatura/letramento. A turma foi escolhida por sua frequência à Biblioteca. A turma desta professora apresentou um clima de trabalho amistoso, caloroso e centrado nas atividades de literatura/letramento e ensino-aprendizagem. Os problemas relacionados à disciplina dos alunos eram mínimos, as crianças estavam bem organizadas e integradas e havia espaço para interações entre elas, de forma afetiva e respeitosa. A professora dispunha as crianças de forma a permitir que “G” tivesse fácil acessibilidade, não constituindo barreiras para ele.

Consideramos pertinente revelar nesse momento que, durante nossa Investigação, foi possível observar uma parceria entre a professora regente e a professora responsável pela “Nossa Biblioteca”. A professora responsável pela “Nossa Biblioteca” aqui no caso a observadora / pesquisadora favoreceu a existência de um espaço organizado, aconchegante informal e acolhedor, prestou apoio prático pedagógico a professora regente, que pediu que sugerisse alternativas de atividades que pudessem ser desenvolvidas no espaço da “Nossa Biblioteca”.

Percebemos que as crianças e, em especial o “G”, já têm certo gosto pela leitura, manuseiam livros com facilidade e criam sua própria história através do seu imaginário. A professora oportunizou e utilizou-se dos vários portadores de texto como fonte de prazer. Em nosso entendimento, ela possibilitou uma bela relação entre literatura infantil e imaginação, considerando o que vimos acerca da cultura infantil. E promoveu, além das atividades de leitura, a manipulação de textos literários em outros suportes de textos e conversas sobre eles. Situações nas quais se promoveu situações de a fruição e se ampliou as referências estéticas, culturais e éticas das crianças, contribuindo para o letramento literário. Como salienta Soares (2008), é preciso libertar a literatura infantil de uma cultura escolar que, frequentemente, a considera como um instrumento pedagógico e não como literatura que possui um valor em si mesmo, que é fonte de prazer e de experiências estéticas.

Posteriormente, foi realizado o levantamento de títulos de livros de literatura infantil em nosso pequeno acervo nessa área de inclusão. O objetivo foi selecionar títulos que apontassem para as questões das diferenças e que apresentassem enredo onde o/s personagem/ns fosse/m identificado/s como pertencentes a grupos inseridos nas políticas públicas de inclusão, a partir da diversidade/diferença, ancorando questões de raça/etnia, gênero/sexualidade, necessidades educacionais especiais/deficiências, entre outros.

3.7 - Procedimentos de Análise de Dados

Considerando a grande quantidade de dados construídos e os procedimentos utilizados, foi realizada uma transcrição pormenorizada dos registros em duas fases. A primeira foi uma investigação da análise documental, que após sua transcrição, foi analisado quais eram adaptados para os alunos com necessidades educacionais especiais e que promoviam a sua inclusão. Já em relação à observação da vivência de “G”, houve após a transcrição, a leitura e análise desses dados para verificar e indicar temas vivenciados por ele na observação e que possibilitava responder às questões de pesquisa propostas neste estudo.

IV - RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise do acervo da Biblioteca

Após análise do acervo da biblioteca, constatou-se que ela possui livros que permitem sua relação à Inclusão Escolar. No Apêndice A, há uma lista de títulos contendo sinopse de alguns livros, revelando esses temas. Concluímos que, no momento da observação, os materiais disponibilizados em “NOSSA BIBLIOTECA” contribuem para a promoção e inclusão escolar de crianças de 4 e 5 anos de idade com necessidades especiais. Porém não se descarta a contínua aquisição do que se edita a favor das crianças.

Consideramos oportuna a realização de estudos do nosso pequeno acervo de livros de literatura infantil que tematizam a questão da diferença, analisar os discursos e problematizar as representações sobre “o outro” nos textos e nas imagens dos livros selecionados. Interessante para a nossa análise foi constatar que, nos livros pesquisados, o leitor é auxiliado a encontrar histórias a partir de temáticas ligadas aos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (meio ambiente, pluralidade cultural, ética e cidadania, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo) ou, ainda, a temas diversos, dos quais ressaltamos os seguintes: deficiência física, diferenças (aceitação), diferenças sociais e raciais, diferentes maneiras de olhar o mundo/pensar, solidariedade, entre outros. Na aproximação ao material, foi possível, através dos títulos e das sinopses presentes nos mesmos, selecionar livros (aproximadamente 38 títulos) que atendiam à especificidade da pesquisa. Também procedemos a uma análise preliminar das formas como os sujeitos ditos diferentes vêm sendo nomeados/narrados. É interessante ressaltar que a maioria desses livros foram objetos de várias reedições e reimpressões, o que sugere um alto índice de circulação. Em relação a quem são os personagens, eles podem ser humanos ou animais. São marcadas as diferenças físicas, sensoriais e comportamentais. Têm histórias, refere-se à raça/ etnia. O protagonismo do personagem que carrega a diferença é variado. Em algumas histórias, o personagem principal necessita de um “terceiro” para mediar à aceitação do “outro” no meio social.

Estas reflexões nos fazem acreditar que uma pesquisa sobre este assunto é oportuna e relevante, pois permite aprofundar os conhecimentos a respeito do acervo bibliográfico da “Nossa Biblioteca”. Em termos de adaptação às necessidades dos ANEEs. A partir de tudo que foi pesquisado em relação à inclusão no pequeno acervo pesquisado, ficou evidente que há nas obras analisadas uma série de tramas onde há um mediador que atua junto à

personagem principal, permitindo a resolução do conflito de modo que não aceite a necessidade (deficiência), e sim a resignifique. Ainda, a existência de conflitos mostra como as personagens com ou sem deficiência se veem e como vê o outro, processo esse que tende a se repetir com o leitor ou ouvinte, no caso, as crianças. “A literatura infantil inscreve-se nesse circuito, onde representações sobre o outro/diferente produzem identidades e diferenças em um complexo jogo de produção, consumo e regulação de significados”.

4.2 Vivência do “G” na biblioteca

Este relato de pesquisa centra-se no que convencionamos chamar de observação direta do desenvolvimento e envolvimento das crianças de uma turma de integração do segundo período, da Educação Infantil em “Nossa Biblioteca”. Com o intuito de revelar os fatores que promoveram a literatura infantil/letramento na inclusão do aluno com Necessidades Educacionais Especiais, foram realizadas em torno de oito observações, de aproximadamente uma hora de duração, durante o período compreendido entre setembro e outubro de 2010. Paralelamente ao relato, fizemos uma reflexão sobre o que observamos contemplando os objetivos propostos.

De todas as experiências que surgem no caminho de quem trabalha com a inclusão, receber um aluno portador de Síndrome de Down parece a mais complexa. Para o surdo, os primeiros passos são dados com a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Os cegos têm o Braille como ferramenta básica e, para os estudantes com limitações físicas, adaptações no ambiente e nos materiais costumam resolver os entraves do dia-a-dia.

A educação/inclusão da criança com Síndrome Down deve iniciar-se partir da educação infantil com uma estimulação capaz de integrar a criança ao ambiente escolar e conseqüentemente, na vida social. A educação com crianças especiais com Síndrome Down é bastante complexa porque elas apresentam algumas dificuldades, dentre elas, três as principais são: ausência de concentração, entraves na comunicação e na interação e menor capacidade para entender a lógica de funcionamento das línguas, por não compreender a representação escrita ou necessitar de um sistema de aprendizado diferente.

Portanto, faz-se necessário uma abordagem de aprendizagem mais especializada para que o portador de Síndrome de Down possa absorver os ensinamentos com mais facilidade. Mantoan (2006) diz: “Não se trata de reforço; ele precisa desenvolver a habilidade de prestar atenção com estratégias diferenciadas para, depois, entender o conteúdo”.

Quando o pequeno “G” começou a frequentar a “Nossa Biblioteca”, percebemos um atraso nas funções de sua linguagem. Há cerca de um ano e meio, mal conseguia balbuciar qualquer palavra. No decorrer desses dois meses de observação direta, notou-se uma melhora significativa em sua comunicação. A interação e a atenção tiveram melhoras significativas e permitiram a evolução dos dispositivos de comunicação oral, tendo a oportunidade de desenvolver suas capacidades. A questão da aprendizagem esperada do aluno em relação ao cognitivo, não se conseguiu atingir, porém o que sobressaiu em “G” foi a relação de reconhecimento de estar inserido no mundo.

A turma, de um modo geral, intuía que podia colaborar para o crescimento global do colega. Assim, a cada vitória dele, a turma sentia-se envaidecida, pois sabia que era agente naquele processo. Como a maioria das crianças queria auxiliar “G” ao mesmo tempo, a professora regente da turma criou um sistema de “monitoria”. Por meio de um rodízio, um colega se “responsabilizava” por acompanhar e auxiliar “G” nas atividades. O colega chamava para brincar, ajudava na hora das tarefas, mostrando o material que seria utilizado naquele momento lápis de cor, tinta, livro, folha e se aquele fosse o dia de ir à “Nossa Biblioteca”, o colega ficava mais próximo de “G”. O momento que destinávamos para o manuseio dos portadores de leitura, toda a turma se levantava para escolher livros, gibis ou revistas para ler. Às vezes, “G” se isolava por conta própria e saía da rodinha; outras vezes, se interessava.

Um dia, ele também fez uma escolha: era um livrinho com formato de carrinho de bombeiro na capa. Pegou o livro, esperou que todos estivessem sentados, empurrou no chão e começou a gesticular e balbuciar sons que davam à conotação do som do carro. Depois de toda a “dramatização”, abriu o livro e começou a mostrar o carro de bombeiros, ainda sem a noção de palavra fazia som de sirene. O silêncio foi total até que uma aluna disse: o “G” tá fazendo barulho de carro de bombeiro, “tia!”.

Segundo Vygotsky (1998), há uma evidente diferença entre o comportamento na vida real e o comportamento no mundo fantástico. Entretanto, o comportamento com brinquedos, a atuação no mundo imaginário cria uma zona de desenvolvimento proximal, na medida em que os conceitos evoluem. Isso ocorre de maneira semelhante com as histórias entre o imaginário do brinquedo e das histórias. Ele nos explica também que a imaginação ou fantasia nutre-se de materiais tomados da experiência vivida pela pessoa. A partir disso, Vygotsky postula a

principal lei à qual se subordina a função imaginativa: Quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material colocado à disposição da imaginação.

Em nossa observação, constatamos que a professora regente contribuiu para a formação de todos, dando-lhes melhores oportunidades de aprendizagem, flexibilização e aceitação das diferenças. Ficou evidente sua organização em duas fases. Primeiro, ela se preocupou com a convivência entre os ANEEs e os demais colegas da turma. Depois, com a integração dos projetos. Simultaneamente, os alunos foram à “Nossa Biblioteca” contando com a colaboração da monitora. Houve interação entre o “G” e seus colegas de turma e entre os professores. Antes, percebia-se isolamento, depois a interação quase total com os colegas da escola.

Como forma de ampliar o letramento, algumas atividades foram preparadas conforme o currículo da educação infantil; outras eram bem diversificadas, preparadas exclusivamente para atender as necessidades do “G”. A professora confeccionou uma pasta exclusiva para trabalhar individualmente com o aluno, proporcionando-lhe o manuseio de materiais relacionados ao que era trabalhado a cada dia. Ofereceu estratégias que serviram para “G”, desenvolver a capacidade de relacionar o falado ao escrito, usando ilustrações e fichas de leitura. Na pasta, também havia atividades desenvolvidas em “Nossa Biblioteca” para facilitar a percepção, o entendimento e contribuir para a melhoria da oralidade do aluno. O objetivo dela foi acostumar “G” a relacionar imagens aos textos. Acreditamos que ela desenvolveu com ele um projeto baseado na auto-identificação - forma encontrada para tornar o aprendizado mais significativo. Pode-se afirmar, então, que a professora do “G”, utilizou a Literatura como facilitadora do processo de inclusão e letramento.

Na semana do trânsito, foi montado um pequeno circuito de trânsito, no espaço da brinquedoteca, para que as crianças recebessem orientações sobre o trânsito. Foram confeccionados carros e um ônibus utilizando-se de materiais reciclados. Ao adentrar a turma na biblioteca, o aluno “G” correu e pegou o ônibus e imitou o motorista, reconhecendo naquele brinquedo a sua utilidade. Acreditamos que se identificou, pois todos os dias vem para a escola de ônibus. Reconheceu a finalidade e a funcionalidade de alguns objetos em “Nossa Biblioteca”, tais como: a vassoura, o teclado do computador, o botão da TV etc.

(SCHWARTZMAN, 1999, p. 277) afirma que citado por Silva²: A exploração do ambiente faz parte da construção do mundo da

² Silva: Roberta Nascimento Antunes Silva A EDUCAÇÃO ESPECIAL DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN Monografia apresentada à Universidade Veiga de Almeida como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Biologia.

criança, e o conhecimento que ela obtém por meio desse movimento exploratório formará sua bagagem para se relacionar com o meio ambiente. A criança com síndrome de Down utiliza comportamentos repetitivos e estereotipados, mantendo-os mesmo que se mostrem inúteis; o comportamento exploratório é impulsivo e desorganizado, dificultando um conhecimento consistente do ambiente e, além disso, explora durante menos tempo.

A professora da “Nossa Biblioteca” trabalhou a história “O jacarezinho preguiçoso”, de Ruth Rocha, em que o personagem era um jacaré diferente dos outros. Logo após contar a história, desenvolvemos uma brincadeira em que os alunos teriam que atravessar a sala arrastando e imitando o jacaré. “G”, num primeiro momento, não quis participar, mas logo ao perceber o quanto as crianças estavam se divertindo, começou a se arrastar e chamando alguns colegas que ainda não tinham participado. Segundo Vygotsky (1991), o desenvolvimento da linguagem é impulsionado inicialmente pela necessidade de expressão.

Outro ponto de destaque durante o período de observação foi que o grupo de crianças incluindo “G” deixou transparecer o quanto foi significativo a dramatização da história que trabalhou as questões da diversidade cultural e a inclusão através da história: A Menina Bonita do Laço de Fita, caracterizada como uma menina negra. Olhares atentos e curiosos surgiram neste momento. Interessante ver o término da história, onde a professora retirou a roupa que a caracterizava e pôs no tapete. Logo as crianças colocaram a roupa e imitaram o personagem em suas falas, gestos, entre outros. “G” riu muito. Em nosso entendimento, sua percepção apresentou-se aguçada em relação às emoções vindas das histórias contadas. O que é confirmado por “G”, ao demonstrar ao longo da história, apesar de sua dispersão: emoções refletidas no olhar de espanto, o sorriso, os gestos com as mãos fazendo conotação dos trechos contados e demais atitudes que seguiam o desenrolar da história.

“Ah, como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”. (ABRAMOVICK, 1993).

Houve momentos em que a turma foi para a biblioteca para manusear os livros. Uma boa parte das crianças, assim que chegava, pedia para que entregássemos os livros trabalhados anteriormente, dando sinais de que haviam gostado das histórias contadas. Alguns buscavam os livros dispostos na cesta, outras preferiam buscar novidades nas estantes. “G” ficava quase sempre, junto a uma amiga que buscava livros na estante azul, onde são guardados os livros de imagens/linguagem não verbal.

Muitas vezes, reconheceu neles figuras falando palavras pela metade, assimilava as figuras, as experiências praticadas em seu cotidiano, e percebemos que, em vários momentos,

ele explorava bem as questões sociais, sua linguagem apresentou-se composta de algumas palavras que faziam parte do seu cotidiano. Em outros momentos, usava os livros como brinquedo, dando-lhes sentidos diferentes: chapéus, carros, empilhava um em cima do outro e depois espalhava.

“A percepção de uma imagem envolve a relação do leitor com ela, como ele a vê, pois o olhar compreende as experiências vividas por aqueles que olham.” (Cristina Biazetto 2010).

Em uma tarde chuvosa, “G” deitou no tapete e adormeceu, não se sentindo incomodado pelo barulho das outras crianças. Dirigiu-se para o tapete, tirou o calçado sem auxílio de ninguém. Ao acordar, quando foi calçar desesperou-se, gesticulando e pedindo ajuda para calçá-los. Rapidamente, colegas se prontificaram a auxiliá-lo. “G” demonstrou prazer em vir até a biblioteca e, durante sua permanência, participou das atividades propostas. Sempre foi uma criança alegre, inteligente, com bom contato com crianças e adultos. Quando ia embora, emitia gestos sociais significativos como dar tchau e mandar beijos.

Citando mais um momento marcante na semana destinada à inclusão, aconteceu em setembro. Ficaram expostos os livros relacionados ao tema inclusão para que os alunos o manipulassem. Esse momento foi bastante revelador, pois as crianças, de maneira geral, ficaram encantadas em saber e sentir que ali existiam alguns livros em BRAILLE. Um deles era o livro Dança Down, escrito em Braille. Uma das crianças pegou este e o levou para “G”. Ele manipulou o livro, folheou, sorriu, fez gestos, dançou e quis mostrar o livro. Na rodinha, “G” sempre levantava, mostrando curiosidade por outros suportes literários. Em uma revista, fixou o olhar em uma propaganda grande da coca-cola e falou “coca”! Para nós, ele relacionou objetos e figuras às experiências vivenciadas em seu convívio social. Ao reconhecer objetos como Coca Cola, para nós, ocorreu o processo de Letramento.

Há uma diversidade de portadores de texto, que desde muito cedo, convidam as crianças a se aventurem por vários tipos de histórias, ilustrações. Dessa maneira, quanto maior a intensidade da relação entre os diferentes materiais de leitura e as crianças, maiores serão as chances que concorrem para a formação do leitor crítico, letrado. Para Ferreiro (1985), a leitura e a escrita começam a se tornar significativas na medida em que a criança tem oportunidade de estar em contato com atos relacionados a esta prática, percebendo seu sentido e sua função social, passando a sentir necessidade de fazer uso delas.

Nesse sentido, dominar o sistema de escrita e realizar a leitura de mundo é fundamental para o sucesso do ser social e individual. Além de aprender a ler e escrever, a criança deve aprender a dominar as práticas sociais de leitura e de escrita. E preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é necessário fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano,

apropriar-se da função social dessas duas práticas: letrar-se. As crianças começam, portanto, a “letrar-se” a partir do momento em que nascem em uma sociedade letrada. Rodeadas de material escrito e de pessoas que usam a leitura e a escrita, desde cedo, vão conhecendo e reconhecendo as práticas de leitura e de escrita.

Poder-se-ia afirmar que está implícita, neste ponto de vista, a consideração dos fatores históricos, culturais, contextuais e afetivos que envolvem os sujeitos. Vygotsky, atento a natureza social do ser humano, que desde o berço vive cercado por seus pares em um ambiente impregnado pela cultura, defendeu que o próprio desenvolvimento da inteligência é produto dessa convivência. Para ele, “na ausência do outro, o homem não se constrói homem” (VYGOTSKY, 1998).

Nessa perspectiva acerca da vivência do “G” em “Nossa Biblioteca”, o que observamos e consideramos, segundo alguns autores, foi o bom acolher “G”; não ficamos à espera de seu desenvolvimento intelectual. Ao contrário, nossa função foi levá-lo adiante em suas próprias descobertas. Ao entrar em um espaço com uma variedade de suporte de textos, principalmente, os infantis, cremos que, à sua maneira, fez sua leitura de mundo. Quanto mais se apropria dos textos, mais aprende, desenvolve-se intelectualmente, sua linguagem, naturalmente mais se aprimora. Diante disso, a possibilidade de desenvolvimento da criança com síndrome de Down é muito grande.

Concluído processo de observação, intervenção e finalizando a análise dos dados, foi possível afirmar que algumas considerações devem ser bem destacadas. Cabe a nós professores estarmos sempre em processo de aperfeiçoamento, tornando as aulas mais alegres, fazendo com que as crianças interajam. Como educadoras, precisamos nos fortalecer como pessoas corajosas para lidar com os desafios. Desafios que não acontecem no futuro, mas todos os dias, nos conflitos que nos rodeiam nas inovações que surgem.

“Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensiná-la da maneira que ela pode aprender”. (Welchmann)

A convivência com ANEE, incluído na turma, favoreceu o contato das outras crianças com o mesmo, sendo um fator importante na compreensão da pluralidade e diferenças. Isso resultou em uma melhor caracterização dos ANEEs e, aliado a uma conscientização sobre a acessibilidade desses alunos ao sistema de ensino, e uma melhoria qualitativa na maneira de entenderem a necessidade do colega. Essa afirmativa se comprova, tendo em vista que a maioria absoluta das crianças da turma considerou ser legal estudar com “G”.

Apesar de falarmos das diferenças, esses conceitos foram decorados, mas não foram incorporados por todas as crianças. Ocorre que algumas crianças mostraram comportamento preconceituoso e hostil em relação ao aluno “G”, excluindo-o da rodinha e em suas brincadeiras.

A mudança de comportamento dos alunos com relação aos dos ANEEs, só ocorreu quando, através das atividades de literatura utilizando-se os vários livros que trabalham muito bem as questões da diversidade, integrando muitas histórias com atividades lúdicas e através dramatizações. Demonstrou-se, assim, que esta estratégia produz um efeito mais eficaz no processo de inclusão nas turmas em geral.

Considerando-se as informações obtidas, acredita-se que esta pesquisa, além de abordar um tema relevante: a inclusão, e ter chegado a resultados significativos, comprova a eficácia das atividades com literatura e letramento como facilitadores do processo de inclusão de ANEEs no ensino comum. Promoveu sua integração no grupo e trouxe uma melhoria qualitativa tanto no caráter educacional, quanto na questão do desenvolvimento sócio afetivo das crianças envolvidas.

Como nos lembra Paulo Freire (2006), esse caminho não é fácil; olhar para o outro, o reconhecendo como legítimo outro, tira-nos do falso lugar das certezas e nos coloca no caminho instigante das incertezas. E assim, poderemos alcançar esse caminho onde há muitas possibilidades de continuar seguindo em frente.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Introdução

As sociedades estão tornando-se multiculturais. A inclusão é um dos princípios fundamentais em que a transformação da sociedade deve se basear, portanto, em uma sociedade cada vez mais diversificada, a Educação Inclusiva, necessita mostrar e ensinar a todos a aceitarem as pessoas que são diferentes. Estudiosos têm indicado diversas formas de promover a inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Uma delas é por meio da literatura infantil. Esta pesquisa propôs-se a investigar como o espaço de sala de leitura “Nossa Biblioteca”, pode contribuir, por meio da literatura infantil/letramento, em promover a inclusão escolar de uma criança com síndrome de Down.

“Depois do presente estudo, parece não ser possível pensar como muitas pessoas o fazem, que não há significado nem perspectiva na vida de uma pessoa com síndrome de Down.”

(Suad Nader, 2003)

5.2 Principais Resultados

Em nossas observações, assistimos eventos importantes em “Nossa Biblioteca” com o objetivo de registrar como estava se dando o processo de inclusão dos ANEEs e sua integração com a turma. Desta forma, num primeiro momento, observando os alunos que tinham relações de amizade e cooperação com os ANEEs, e os mais distantes, e menos receptivos à inclusão. Foram observados momentos de sociabilização e interação entre os alunos.

Concluimos que “Nossa Biblioteca” enriquece o letramento das crianças e estimula sua participação na concepção de criança como produtora de cultura, cidadã de direitos e na linguagem enquanto espaço das inter-relações sociais. Essa conclusão nos transportou para o que observou em relação ao “G” em seu desenvolvimento através do uso da leitura Infantil em atividades de: manuseio de livros de literatura infantil e os demais portadores de textos, contação de histórias, dramatizações e teatro de fantoches, trabalhados coletivamente,

contribuíram para a interação do “G”, que teve progressos significativos na sua oralidade naturalmente em seu letramento.

O que é Letramento?

Kate M. Chong

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.
Letramento é diversão é
leitura à luz de vela, ou lá fora,
à luz do sol.
São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.
É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas de velhos amigos.
É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens heróis e grandes amigos.
É um atlas do mundo, sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.
Letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser.

(Kate M. Chong, citado por SOARES, 2004)

Entendemos e defendemos que “Nossa Biblioteca” tem uma preocupação em tornar a Literatura Infantil/letramento uma prática, possibilitando o acesso a dados que promovem em cada criança a consciência da sua própria herança cultural, possibilitando uma base para a compreensão da diversidade cultural. Disponibilizando os livros e os outros suportes de texto que representam à escrita e fazem parte da sociedade (jornais, gibis, receitas, cartas, revistas

etc.). Propiciando a vivência de práticas letradas diversas e significativas que direcione a criança para fora dos muros da escola, impulsionando, assim, a criança rumo à autonomia. Isso significa que, a leitura é instrumento de apropriação do conhecimento, é ferramenta que permite aprender a aprender.

Este trabalho foi intenso, porém extremamente gratificante visto que envolveu a relação entre seres humanos, com todas as suas especificidades e qualidades, tornando-se verdadeiramente uma rica fonte de aprendizado, sempre renovável e repleta de surpresas.

5.3 Sugestões para pesquisas futuras

A inclusão de crianças com Síndrome de Down na discussão sobre o processo de letramento torna-se bastante relevante, uma vez que a leitura e a escrita permeiam a maioria das atividades presentes nos diversos grupos sociais no mundo atual.

Para pesquisas futuras, sugere-se a participação de crianças com diferentes necessidades especiais para investigar como se dá a vivência delas no espaço da biblioteca, por meio da literatura infantil.

Sugere-se também, que além da observação, sejam realizadas entrevistas com os professores e facilitadores que participam desse momento de literatura infantil para conhecer as suas percepções acerca dos objetivos da literatura no processo de inclusão das crianças com necessidades especiais.

“A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

Nelly Novaes Coelho

VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ARANTES, Valéria Amorim (org.). Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. SEESP – Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. , Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares para Portadores de Necessidades Especiais. 3.ed. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CARVALHO, Rosita Edler. Diversidade como paradigma de ação pedagógica na educação infantil e séries iniciais in: MEC, Inclusão: Revista da Educação Especial. Secretaria de Educação Especial, ano I, n.º 01, outubro de 2005, pp.29-34 (1999). Mudando de perspectiva: das necessidades educacionais especiais à remoção de barreiras para a aprendizagem. *Mediação*, 1 (1), 8 – 13.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil. São Paulo: Moderna, 2000.
- DESSEN, Maria Auxiliadora e POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online]. 2007, vol.17, n.36 [citado 2010-03-14], pp. 21-32.
- DIVA Albuquerque Maciel e BARBATO, Silviane. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010.
- FERREIRO, E. Reflexões sobre a alfabetização. 2 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989
- _____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2006.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MANTOAN, M. T. Egler, PRIETO, R. Gavioli, ARANTES V. Amorim (Org.). Inclusão escolar: pontos e contrapontos, 1ª ed., São Paulo: Summus, 2006.

MARQUES, Luciana Pacheco. A diversidade no processo pedagógico. UFJF, 2005, Texto preparado para a discussão das Diretrizes curriculares da rede municipal de Juiz de Fora, mimeo.

MUSTACCHI, Zan; SALMONA, Patrícia. Um modelo de capacitação para a síndrome de Down. Inclusão: Revista da Educação Especial. Brasília, Ano III, n.4, p.8-15, jun 2007.

RECNEI – Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1999.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Os Cinco sentidos. B. Horizonte: Miguilim, 2000.

SASSAKI, Romeu. K. Inclusão – construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA. 2002

SEE/DF. Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal. Educação Infantil – 04 e 05 anos.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A produção da leitura na escola. Pesquisa x Proposta. Ática, São Paulo, 1995.

SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEISZ, Telma. Revendo a função pedagógica da pré-escola. Idéias: pré-escola e a criança de hoje. 2ed. São Paulo: FDE, 1994.

Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília – UAB/UnB
Módulo II: Aprender a aprender Autoras: Wilsa Maria Ramos; Larissa Medeiros Marinho dos Santos Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar Brasília-DF, 2009

Biblioteca textos do Módulo VII. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:
Aprender o código ou o sistema de escrita Diva Albuquerque Maciel

ZARDO, Sinara Polom; FREITAS, Soraia Napoleão. A literatura infantil como auxílio pedagógico para uma educação inclusiva. Revista Partes - Revista virtual do leitor, São Paulo – SP, Ano IV, N.46, jun.2004

Apêndice

A – BREVE CARACTERIZAÇÃO DE ALGUMAS OBRAS ANALISADAS

1 Da cor de Flicts Ziraldo O autor trata o tema da diversidade com muito colorido. Literalmente. No lugar de crianças, ele conta a história de Flicts, uma cor rara e triste, que se sente excluída, feia e aflita por não existir no mundo nada que seja como ela. Um dia resolve sumir, e o destino de Flicts é uma singela surpresa.

2 Muito prazer, Sílvia! Jeanne Willis - Sílvia é uma menina que faz cara feia e bonita, canta, brinca de gangorra e de pirata com a mamãe, faz travessuras, fica de castigo, dança com o vovô e cavalga com o papai, nada como um peixe... e tudo em uma cadeira de rodas.

3 Diversidade Tatiana Belinky. Quinteto Editorial Ano: 1999. Se todo mundo fosse igualzinho, o mundo não teria graça! Mas só reconhecer que as pessoas são diferentes não basta. É preciso respeitar as diferenças. E os versos de 'Diversidade' nos ensinam isso, que não há um jeito único de ser- 'assim ou assado, todos são gente, tudo é humano'.

4 Menina bonita do laço de fita Ana Maria Machado Ática Ano: 2003. Um coelho branco apaixonado por uma criança negra. Isso é possível? Sim, e a comprovação está nas páginas do livro Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado. Nosso coelhinho, aliás, vai além: quer também ter a pele escura, igualzinha à da linda menina. O simpático coelhinho faz de tudo para conseguir seu intento: entra numa lata de tinta preta, come jabuticabas até passar mal e toma inúmeras xícaras de café. Tudo em vão! Além do caráter lúdico de sua criação, a autora coloca em cena, nesta obra, diversos aspectos muito debatidos nos dias de hoje, como a autoestima das crianças negras e a fraternidade inter-racial. Razão suficiente para tornar Menina bonita do laço de fita um excelente livro infantil, com alta dosagem de sensibilidade.

5 Na minha escola todo mundo é igual Rossana Ramos Ed Cortez 2004. Uma escola em que todos os alunos convivem em harmonia, procurando superar as diferenças e dificuldades, inclusive físicas, para que todos sejam, realmente, iguais.

6 O livro da família Todd Parr Ed Panda Books 2003 Com frases curtas e envolventes, Todd Parr apresenta as diferenças das famílias, abordando assuntos polêmicos como adoção,

diferenças raciais, culturais e sociais. Os traços das ilustrações e as cores são fortes, o que aproxima e chama a atenção da criança.

7 O Menino que tinha rabo de cachorro Maurício Veneza Editora do Brasil 2001: O menino que tinha rabo de cachorro é uma história de ser diferente, ver diferente, sonhar diferente... E respeitar o diferente.

8 O patinho feio Ruth Rocha Ed: FTD 2004 Dona Pata teve lindos patinhos, mas um deles era bem esquisito e passou a sofrer humilhações por sua feiúra. Até que um dia, cansado daquela situação, o patinho fugiu para bem longe. Passou por muitos apuros; tiroteio de caçadores ataque de animais, brincadeiras de crianças malvadas. No verão, encontrou belos cisnes num lago e aí descobriu sua verdadeira origem.

9 O Sabiá e a Girafa Léo Cunha Ed: Nova Fronteira 2004 História em prosa poética, dividida em três partes: a primeira apresenta o sabiá que cantava lindamente mas não conseguia voar; a segunda mostra a girafa, que enxergava tudo lá de cima, mas era muda e sonhava em cantar; na terceira, o encontro entre os dois, trazendo enfim o acerto entre desejos e fragilidades.

10 Tudo bem ser diferente Todd Parr Ed: Panda Books 2002 Tudo bem ser diferente trabalha com as diferenças de cada um de maneira divertida, simples e completa, alcançado o universo infantil e trabalhando com assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiências físicas, preconceitos raciais.

11 Uma joaninha diferente Regina Célia Melo - ser inteligente e criativo: “Uma joaninha sem bolinhas descobre uma forma inteligente e criativa de lutar contra o preconceito e a discriminação” (Editora Paulinas, 2006).

12 Draguinho - diferente de todos, parecido com ninguém (Galperin, 2005) “Está na hora de Draguinho e seus amigos começarem a aprender a soltar fogo pelo nariz. Mas o pequeno dragão fica inconsolável quando descobre que só consegue soltar água. Então resolve fugir em busca de um lugar onde haja dragões iguais a ele”. A história procura abordar a trajetória empreendida pelo personagem no sentido de aceitar-se a si mesmo e de ser aceito pelo grupo

13 Não me chame de gorducha- Bárbara Philips- apesar da obesidade, a menina tem força de vontade para reverter a sua situação: “Rita sofre de um problema sério: excesso de peso. E detesta o apelido que os meninos da classe lhe deram. Mas ela tem força de vontade...” (Editora Ática, 2005).

Livros em Braille

O Sistema Braille é um código universal de leitura tátil e de escrita usado por deficientes visuais. Opções de livros para crianças com deficiência visual, seja em Braille, em tipologias maiores ou os chamados Audi livros. O espaço conta com cerca de seis exemplares em braille para crianças

1 UM MUNDINHO PARA TODOS Bellinghausen, Ingrid Biesemeyer Tema: Era uma vez um mundinho em que cada habitante tinha um jeito de ser bem diferente do outro - uns viviam no norte e gostavam de andar descalços; outros no sul e adoravam tomar chocolate quente; alguns não enxergavam muito bem e precisavam de ajuda. E cada um deles tinha sua forma de agradecer por viver num lugar tão feliz. Com texto impresso em Braille e tipos ampliados.

Fonte: Livraria Cultura

2 A Bruxa mais velha do mundo Elizete Lisboa 1a. edição, 2008 Paulinas. Cuidado! Uma bruxa brincalhona, que já fez muitos e muitos aniversários e adora cantar no meio da noite, cismou que vai se casar no ano que vem, e está à procura de um marido que goste de cantar e que seja bem velho. E bem feio! Fonte: Livraria da Folha

3 Firirim fifin Elizete Lisboa e Ana Raquel ed. Paulinas A Galinha, com sua sombrinha, e o Macaco, com seu casaco, foram passear para exibir seus presentes. No passeio, encontraram Dona Cabra, com seus cabritinhos, que se juntou a eles. A Garça, vestida de branco de noiva e princesa, veio cumprimentá-los, mas inesperadamente bicou a sombrinha, o casaco e arregalou um olho feio para os cabritinhos. A Garça foi derrubada pela inveja! Bem que o Macaco quis revidar, mas pensou melhor e fugiu. Atrás dele os outros bichos. A garça, sozinha, pensou, pensou de novo e achou melhor se desculpar. Agora a Garça tinha descoberto a humildade! Desculpas aceitas, os bichos entraram em um bate-papo animado, musicando toda a mata. Elizete Lisboa, inspirada pela Natureza e conhecedora dos bichos, criou uma fábula, moderna e sem fechamentos morais sobre a inveja, esse sentimento

perverso que rompe relações de amizade. E nos ensinou, à tinta e em Braille, que quando a reflexão e o bom senso prevalecem, os amigos se unem para um encontro mais fortalecido. A ilustradora Ana Raquel, com seus pontinhos, fez chover muito mais que pérolas e cores na mata dos bichos de Elizete. Para cada ilustração à tinta traduzida para o Braille, Ana Raquel desenhou o verso e reverso da imagem. Talvez para lembrar que nesse mundo as coisas continuam as mesmas, ainda que lidas de jeitos diferentes.

4 A Mudança José Luiz Mazzaro ed. Assoc. Positiva de Brasília caracteres ampliados. A elaboração dos livros é fruto da observação das necessidades da comunidade educativa para o suporte ao trabalho de educação inclusiva.

5 Monstros e Fadas Liliana Iacocca e Michele Iacocca ed. Ática caracteres ampliados. Nos sonhos tudo acontece. Mas fica mais engraçado quando o sonho de um se mistura com o do outro.

6 Rabisco, um cachorro Perfeito Michele Iacocca ed. Abril caracteres ampliados. Um cachorrinho desenhado por um menino ganha vida, mas é desprezado: seu dono dá a entender que prefere um husky siberiano. Chateado, o cãozinho vai para a rua e enfrenta muitos perigos para encontrar um desenhista. Quando finalmente o encontra, pede a ele que desenhe um husky. Enfrentando os mesmos perigos no caminho de volta para casa,

7 A Menina que não era Maluquinha Ruth Rocha ed. Melhoramentos em Áudio. A menina que não era maluquinha precisou mudar de cidade e de colégio. Na escola nova, ela apronta mais maluquices, e deixa a Dona Brites, professora dela, maluquinha! A Juliana, desde pequenininha, só aprontava. Seus pais não aguentavam mais a criatividade da garota na hora de fazer coisa errada. Teve um dia que ela ficou de castigo, numa sala cheia de relógios...

EM LIBRAS/ÁUDIO

Coleção ciranda das diferenças Autora: Márcia Honora Ed: Ciranda Cultural

A coleção ciranda das diferenças e das diversidades nos convida a um novo olhar sobre as diferenças, despertando a reflexão de todos. Acompanha CD com histórias contadas em LIBRAS, caracteres ampliados e livro narrado.

***UMA TARTARUGA A MIL POR HORA:** Conta a história de uma tartaruga diferente, que aos invés de fazer tudo devagar como as outras, fazia tudo muito rápido, parecendo que tinha rodinhas nos pés. Como resolver toda esta agitação?

***A ESCOLA DA TIA MARISTELA:** Conta a história de uma escola pra ensinar golfinhos a participarem de espetáculos aquáticos. Certo dia, recebe uma nova aluna que não aprendia como os outros. Será que Sofia iria desistir de seus sonhos?

***A FAMÍLIA SOL, LÁ, SI...:** Este é um livro que conta a história de uma família de elefantes roqueiros, porém um de seus integrantes, Nando, nasce com uma deficiência. Será que arrumarão um jeito de incluir o elefantinho nesta banda?

***NEM TODAS AS GIRAFAS SÃO IGUAIS:** Trata da história de uma girafa que não tinha a mesma altura que as outras, mas mesmo assim, tinha o sonho de ser uma jogadora de basquete. Será que ela vai arrumar uma forma de participar do tão esperado campeonato da escola?

***O CHARME DE TUCA:** Conta a história de um coelho que descobre que a razão de suas notas baixas era devido ao seu problema visual. Será que depois de solucionado esse problema suas notas irão melhorar?

***DOGNALDO E SUA NOVA SITUAÇÃO:** Conta a história de um cachorro que sofre um acidente e fica numa cadeira de rodas. Como será que ele e sua família vão lidar com essa nova situação?

***UMA FORMIGA ESPECIAL:** Conta a história de Danilo, uma formiga que nasce cega. Danilo tinha muita vontade de ajudar no sustento do formigueiro, mas como será que ele e sua família vão conseguir enfrentar essa dificuldade?

***UMA AMIGA DIFERENTE:** Conta a história de um zangão filhote que conhece uma abelha diferente das outras e descobre neste contato uma amizade para toda a vida.

***O CANTO DE BENTO:** Conta a história de um maestro bem-te-vi que tinha o sonho de ter um filho que continuasse seu trabalho na jabuticabeira. As coisas vão ter que ser adaptadas quando descobrem que Bento, o filho do maestro, não sabia cantar como os outros pássaros.

***O PROBLEMA DA CENTOPÉIA ZILÁ:** Conta a história de uma centopéia que tinha uma de suas perninhas mais curta que as outras. Quando resolve diminuir a diferença entre suas pernas recebe uma grande surpresa da vida.

VII - Anexo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) . Estou realizando um estudo sobre LITERATURA INFANTIL LETRAMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR na sala de leitura “Nossa Biblioteca”. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa observações direta do desenvolvimento e envolvimento das crianças no cotidiano em “Nossa Biblioteca”, no intuito de investigar os fatores que promovem a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Para isso, solicito sua autorização para que seu filho participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu filho poderá deixar a pesquisa a qualquer momento se o desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu filho não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o (a) senhor (a) poderá me contatar pelo telefone. (061) 3965-0895. ou no endereço eletrônico marisedarc@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Marise D'arc Barbosa Rezende Costa

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar – EsDH UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu filho _____

neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre LITERATURA INFANTIL LETRAMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR na sala de leitura “Nossa Biblioteca”. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores e orientadores educacionais neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa: observações direta do desenvolvimento e envolvimento das crianças no cotidiano em “Nossa Biblioteca”, no intuito de investigar os fatores que promovem a inclusão do aluno com Necessidades Educacionais Especiais Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 3901-6593 ou no endereço eletrônico marisedarc@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Marise D’arc Barbosa Rezende Costa
Orientanda do Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – EsDH UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre LITERATURA INFANTIL LETRAMENTO E INCLUSÃO ESCOLAR na sala de leitura “Nossa Biblioteca”. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores e orientadores educacionais neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa: observações direta do desenvolvimento e envolvimento das crianças no cotidiano em “Nossa Biblioteca”, no intuito de investigar os fatores que promovem a inclusão do aluno com Necessidades Educacionais Especiais Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 3901-6593 ou no endereço eletrônico marisedarc@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Marise D'arc Barbosa Rezende Costa
Orientanda do Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – EsDH UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____